

Documentos Perdidos: A Busca Pelos Arquivos da Repressão Na UFSM¹

Mateus Coelho Martins de ALBUQUERQUE²

William Ricardo BOESSIO³

Viviane BORELLI⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Em 2014, o Brasil se encontrou num momento impar politicamente. No ano em que as eleições mais acirradas da história da redemocratização ocorreriam, também se completavam 50 anos do golpe civil-militar que levou a nação a um regime ditatorial por mais de trinta anos. Assim como em toda a sociedade, a repressão invadiu os ciclos de convivência da universidade pública, de deliberação de professores, acadêmicos e técnicos-administrativos. Pouco antes da redemocratização, no ano de 1984, todos os documentos usados pelos militares para catalogar as atividades ditas como suspeitas das três categorias sumiram. Onde estariam esses papéis? O que a reitoria fez para encontrá-los? Foram estas as perguntas que a nossa reportagem experimental tentou responder.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem; Ditadura; Revista; Documentos; Repressão.

1 INTRODUÇÃO

Na primeira metade do ano de 2014, os alunos do terceiro semestre de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria cursaram a disciplina de Jornalismo Impresso II. Como já era esperado por todos, era naquela etapa da disciplina que seria produzida a Revista *.TXT*, uma das mais tradicionais publicações do curso, que chegava ali a sua décima nona edição. Por decisão coletiva (englobando a professora e os acadêmicos), chegou-se a conclusão de que naquele ano a revista deveria passar por uma ‘revolução’ interna. O *layout* foi mudado e a linha editorial (que sempre buscou matérias relacionadas a UFSM não do ponto de vista institucional, mas relacionada a questões convergentes com o cotidiano de professores, alunos e técnico-administrativos) tornou-se ainda mais questionadora e investigativa.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria JO 08, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: mateusmartinsdealbuquerque@gmail.com.

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso Jornalismo, email: williamboessio@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: viviborelli10@gmail.com.

Dentro desta perspectiva, os acadêmicos Mateus de Albuquerque e William Boessio decidiram abordar a temática da Ditadura Militar na Universidade Federal de Santa Maria, sob a ótica dos documentos desaparecidos. O tema sempre foi controverso dentro da instituição por problematizar a influência de José Mariano da Rocha Filho, fundador da UFSM e figura muito respeitada pela sociedade santa-mariense, já que o mesmo teria, em diversas instâncias midiáticas, se mostrado expressamente favorável ao golpe. Como fontes, foram entrevistados o atual reitor da instituição, Paulo Afonso Burmann, Derblay Galvão, que foi reitor durante o período ditatorial, Diorge Konrad, professor do Departamento de História da UFSM de 1977 a 1981, Olga Herbertz, membro do Comitê Santamariense pela Memória, Verdade e Justiça e Dartagnan Agostin, militante estudantil na época. A matéria teve a diagramação de Jéssica Loss Barrios, ilustrações de João Moro de Oliveira e fotografias de Nadine Kovalewski Ribeiro.

2 OBJETIVO

A revista *.TXT* tem como objetivo o ensino laboratorial de jornalismo impresso, pondo os acadêmicos de Jornalismo no “fogo cruzado” entre fontes e pautas. Uma das maiores problemáticas da revista é trabalhar a instituição, no caso a Universidade Federal de Santa Maria, o nosso microcosmo, sem realizar um “jornalismo institucional”. A reportagem produzida tem então o claro objetivo de investigar o paradeiro destes documentos sob a ótica externa, dando voz ao poder instituído (no caso, a reitoria da Universidade), mas tendo a liberdade para problematiza-lo, confrontá-lo e, caso existam, expor as contradições no seu discurso.

Ao mesmo tempo, este texto deve permitir a construção ideológica apenas na própria escolha da pauta, pois ele deve primar pela clareza e objetivação em seu corpo. Como afirmam Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari: “esse laço obrigatório com a informação objetiva vem dizer que, qualquer um que seja o tipo de reportagem (interpretativa, especial, etc), impõe-se ao redator o “estilo direto puro”, isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações” (SODRÉ e FERRARI, 1986, P.9).

A necessidade de inserção de um viés mais interpretativo para a revista fica clara em reflexão sobre o papel da revista no contexto do curso de Jornalismo: “A revista produz reportagens de caráter informativo e interpretativo. (...) os alunos trabalharam com reportagens informativas para a versão impressa, complementando com um viés mais opinativo para versão digital. (BORELLI, 2012, P.11). Assim sendo, procurou-se

problematizar os discursos mostrados em todos os elementos narrativos da reportagem, sempre alicerçando todas as afirmações feitas por fotografias e declarações transpostas por inteiro que as comprovassem.

3 JUSTIFICATIVA

A professora Viviane Borelli, responsável pela disciplina de Jornalismo Impresso II, define a prática laboratorial da *.TXT* como um ambiente propício para a experimentação em jornalismo:

Fala-se, portanto, numa outra lógica produtiva que não mais se resume à produção laboratorial de um impresso, pois abrange a experimentação de novas práticas para atingir outros públicos e fazer com que os alunos possam vivenciar a produção laboratorial em seu sentido pleno. Trata-se de um laboratório, ou seja, oportunidade para ousar, acertar, errar, fazer e avaliar em que medida essa prática incide sobre a formação de um jornalista (BORELLI, 2012, P.9).

Tendo esse aporte teórico provindo da professora que avaliaria o nosso trabalho, os acadêmicos trabalharam na reportagem pensando justamente em linguagens que dificilmente seriam providas da mídia tradicional, engessada em vários sentidos ululantemente visíveis. Foi assumido o objetivo de se trazer um tema polêmico à tona sem perder a qualidade textual. Qualidade textual essa que foi inclusive bem mais aberta para novos formatos e técnicas. Assim, justificamos a reportagem como uma transposição dos principais objetivos da *.TXT* e do jornalismo laboratorial como um todo, aliando a temática à maneira como ela irá ser passada.

Como a *.TXT* é, por linha editorial, uma revista que publica reportagens, é importante definir o por que da temática poder se enquadrar como uma reportagem e não como uma notícia de formato menos amplo.

Recorremos à linguista Conceição Kindermann, em seu estudo sobre o gênero de reportagem, ao analisar as proposições de Juarez Bahia, para resolvermos o impasse:

A reportagem, para o autor, estruturalmente não se limita a uma notícia. Deve explorar exhaustivamente ou não todas as possibilidades de um acontecimento. O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação – em que a notícia deixa de ser sinônimo de nota – e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto,

adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética (Bahia, 1999:49, apud KINDERMANN, 2002, P.354).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a produção desta reportagem, os acadêmicos seguiram as linhas editoriais acordadas em conjunto pelos demais estudantes e com a professora. Apesar do projeto gráfico ter sido alterado naquele ano, o processo produtivo seguiu o modelo já adotado anteriormente: todos os alunos são repórteres e também desempenham uma segunda função, que pode ser na área de Arte/Fotografia, Diagramação, Produção, Revisão, Edição On Line, Divulgação e Distribuição. As matérias deveriam ser produzidas num prazo de três meses que abrangeria desde a sugestão da pauta até o fechamento da edição e envio para a gráfica da UFSM.

Havendo um prazo de três meses para a entrega da matéria, todas as entrevistas e pesquisas deveriam ser realizadas naquele período, ou seria prejudicial para todo o processo de diagramação e tratamento de imagens ali imposto. Na escrita do texto, mesmo pautando a necessidade de informar objetivamente (como citado nos itens acima) os acadêmicos fizeram uso de técnicas do jornalismo literário para se contar a história, principalmente no que se refere à passagem de tempo. Felipe Pena (2007) descreve esta relação, hora antagonista, hora aliada, entre as técnicas tradicionais do jornalismo com o uso do jornalismo literário:

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas (PENA, 2007, P. 49).

Assim, fez-se uso de uma condição de jornalismo que fugia levemente das amarras do tradicional, mas sem perder as técnicas de apuração e produção que delimitavam e norteavam o significado da revista. A ideia era fazer o diferente sem descaracterizar o contexto.

Por uma questão visual, optou-se por não fazer uso de infográficos, já que eles dariam uma modernidade visual que os estudantes não gostariam para a matéria, tendo em vista que ela fala do passado. Para auxiliar na leitura imagética da matéria, utilizou-se de

ilustrações em preto e branco, produzidas pelo acadêmico de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM, João Moro de Oliveira, que usam da expressividade artística para retratar o que está sendo posto no texto. Foi um recurso apropriado, pois, como a matéria tratava de elementos que não estavam ali fisicamente, seria difícil fazer o uso de fotografias. Sobre o uso de ilustrações em paralelo às fotografias, o professor da Unisinos Gilmar Hermes comenta:

A maioria das fotos de um jornal diário apresenta figuras humanas e tem um caráter indicial. A ilustração pode ser uma forma criativa de apresentar, mais uma vez, a mesma personagem. Isso é o que acontece, por exemplo, nas caricaturas. (...) Muitas vezes, as ilustrações podem ter uma qualidade caricatural, embora não possam ser confundidas meramente com caricaturas, que podem exercer a função de charges ou cartuns, de forma independente e não tendo uma relação direta com um texto verbal (HERMES, 2006, P.2).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo de produção da reportagem pode ser dividido em cinco etapas, assim explicitadas:

5. 1 Elaboração: Primeiro, foi elaborada a pauta e apresentada à turma. Naquele momento, os estudantes e a professora discutiam que fontes seriam as ideais e quais recortes seriam necessários para que a matéria fosse produzida no prazo estipulado. Logo após, foram marcadas as entrevistas e feitos contatos para coleta de dados. Boa parte desta etapa foi realizada durante as aulas de Jornalismo Impresso II na Sala de Redação, espaço laboratorial costumeiramente usado pelos alunos de Jornalismo da UFSM.

5. 2 Entrevistas: Para a realização das entrevistas, os acadêmicos se dividiram para coletar mais rapidamente os depoimentos nos horários e locais marcados. Mateus de Albuquerque entrevistou Diorge Konrad, Derblay Galvão e Paulo Burmann; enquanto William Boessio dialogou com Olga Herbertz e Dartagnan Agostin. Por questões de disponibilidade e distância, Derblay Galvão e Paulo Burmann deram as suas declarações via e-mail enquanto as outras foram entrevistadas pessoalmente, usando como recurso gravadores de áudio.

5. 3 Coleta de dados: Nessa fase, investigou-se em dois locais específicos: o Arquivo Municipal de Santa Maria e a sede do Diretório Central dos Estudantes da UFSM (DCE). No primeiro local, buscaram-se em edições antigas de jornais da cidade algumas declarações de José Mariano da Rocha Filho na época. No segundo, averiguou-se uma caixa encontrada por Olga Herbertz, pertencente ao DCE, que seria o único material encontrado referente à UFSM do período ditatorial. A acadêmica do curso de Jornalismo Nadine Kowaleski Ribeiro, que desempenhou também a função de fotógrafa da matéria, acompanhou e registrou esta etapa. O registro da caixa acabaria se tornando a capa da décima nona edição da *.TXT*.

5. 4 Redação: Essa etapa foi realizada em dois encontros entre os acadêmicos, fora do ambiente universitário. A redação envolveu um cuidado para se extrair o melhor de cada fonte, amarrando suas declarações em um texto conciso. Como já citado, buscou-se uma linguagem que se mescla objetividade com jornalismo literário. O processo se iniciou com a transcrição de todos os áudios gravados com as fontes, o que resultou em um documento de seis páginas A4 no Microsoft Office Word (Courier New, espaçamento 1,25 em tamanho 12). Os dois acadêmicos optaram por primeiro fazer a construção de um “esqueleto” textual e depois encaixar as situações nesta estrutura. Essa alternativa foi escolhida pois boa parte dos elementos do texto eram fatos históricos que já eram de conhecimento dos dois acadêmicos, necessitando das declarações no âmbito de comprová-los, não de descobrir a sua existência. Após a montagem do esqueleto e a seleção das frases, a redação passa para a fase final de preenchimento de lacunas e demarcação de conexões entre os fatos ali mostrados. Nesta hora, o artifício do jornalismo literário foi mais importante. Fazer uso de recurso literário na passagem do texto em alguns trechos não se resume a um mero embelezamento, mas a uma questão diretamente ligada à linguística, uma tentativa de situar o leitor no ambiente da narrativa.

No fim do seu artigo já citado, Pena (2007) dá seu próprio conceito do que seria Jornalismo Literário, que se aplica muito bem aos primeiros parágrafos da reportagem:

Assim, defino jornalismo literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma

verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia (PENA, 2007, P. 58).

5.5 Diagramação: Os dois repórteres participaram desta etapa juntamente com a acadêmica de jornalismo Jessica Loss Barrios, selecionada pela professora Viviane Borelli para administrar o setor de diagramação desta reportagem. Boa parte das inserções aqui já vinham padronizadas no Projeto Editorial da revista e talvez o único ponto que pode ser creditado à inventividade do trio foi trabalhar tanto as fotos, as ilustrações como o texto em blocos, dando uma tonalidade proposital de falta de recursos, simulando a diagramação dos veículos impressos no século XX.

As fontes podem ser divididas em diferentes categorias, conforme o objetivo que os dois acadêmicos e a professora desejavam extrair de cada uma delas na redação da reportagem. Para este texto, preferimos usar a divisão por “grupos” de Aldo Antonio Schmitz (2011). Os professores Paulo Burmann e Derblay Galvão podem ser considerados, nesta classificação, membros da categoria “**Oficial**”, pois são “alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (executivo, legislativo e judiciário), bem como organizações agregadas (juntas comerciais, cartórios de ofício, companhias públicas etc.)” (SCHMITZ, 2011, P. 25).

Já Diorge Konrad, por sua ampla pesquisa sobre o tema, se enquadraria como uma fonte “**Especializada**”, já que “trata-se de pessoa de notório saber específico (especialista, perito, intelectual) ou organização detentora de um conhecimento reconhecido.” (SCHMITZ, 2011, P. 26). Enquanto isso, Dartagnan Agostini, que viveu a época e seus desdobramentos, seria uma fonte do tipo “**Testemunhal**”, pois “representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora. Desempenha o papel de “portadora da verdade”, desde que relate exatamente o ocorrido, a menos que seja manipulada, daí deixa de ser testemunha.” (SCHMITZ, 2011, P. 26).

Olga Herbertz é a fonte mais difícil de classificar, pois apresenta um comportamento misto. Hora se porta como uma fonte “**Oficial**”, representando o Comitê Santamariense Pela Memória Verdade e Justiça, hora como uma fonte “**Testemunhal**”, por ser ela a principal figura neste espaço de disputa que é a luta pela recuperação dos documentos. Daí a sua relevância para a pauta.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao fim desta apresentação, podemos analisar que a reportagem “Documentos Perdidos: A Busca Pelos Arquivos Da Repressão Na UFSM” cumpriu o seu papel de trabalhar diferentes formas de linguagem a partir da proposta da revista. Mesmo que a reportagem não tenha conseguido mostrar o paradeiro de todos os documentos perdidos do período, ela construiu estruturas que mostram como está o desenvolvimento das procuras por estes arquivos, além de revelar e dissecar o conteúdo da única caixa encontrada por Olga, que reunia uma série de materiais do Diretório Central dos Estudantes da época.

Para finalizar esta elucubração, citamos Adelmo Genro Filho no prefácio do seu clássico “O Segredo da Pirâmide”:

A indevida polarização entre "teóricos" e "práticos" corresponde, no fundo, a uma incomunicabilidade real entre as teorizações existentes e a riqueza da prática. Essa polarização torna-se a expressão de um diálogo, não de surdos, mas de mudos: um não consegue falar ao outro. A prática, por sua limitação natural, jamais soluciona a teoria. Ela apenas insiste, através de suas evidências e contradições, que deve ser ouvida. Mas só pode se expressar racionalmente através da teoria (GENRO FILHO, 1987, P.9 e P.10).

Estas conquistas refletem a importância de uma construção laboratorial no ensino do Jornalismo, onde a prática precisa ser ensinada, mas não sem a devida problematização e aprofundamento. Esta aliança entre a teoria e a prática são os alicerces para a construção de um novo fazer jornalístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria. Helena. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. Summus, 1986

BORELLI, Viviane. **O processo de midiatização do jornalismo: desafios e perspectivas da prática laboratorial**. In: Ivete Fossa;Ada Cristina Silveira; Flavi Lisboa Ferreira Filho;Eugenia Mariano da Rocha Barrichello. (Org.). Estratégias Midiáticas. Santa Maria, RS: Facos Editora, 2012, P. 149-165.

KINDERMANN, Conceição Aparecida . **O estudo dos gêneros do jornal: o caso da reportagem.** In: 5º Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL, 2002, Curitiba - PR. In 5º CELSUL - PR, 2002.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito.** Contracampo (UFF), v. 17, p. 43-58, 2007.

HERMES, Gilmar Adolfo. . **A Função das Ilustrações Jornalísticas.** In: 4º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2006, Porto Alegre, 2006..

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias:** ações e estratégicas das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide.** Para uma teoria marxista do jornalismo. Adelmo Genro Filho. Série Jornalismo a Rigor. V.6. Florianópolis, Insular, 2012.